

## António Pedro Soares

---

**De:** António Pedro Soares  
**Enviado:** 20 de outubro de 2018 10:29  
**Para:** joaquim soares  
**Assunto:** RE: o ressurgimento dos nacionalismos

O estado social surgiu para resolver a crise do capitalismo. A história é zigzagueante mas em linha recta pode ser contada assim: quando o sistema financeiro norte-americano faliu, em 1929, milhões de trabalhadores ficaram desempregados porque os negócios pararam. A acumulação de riqueza só é possível se houver confiança na propriedade, isto é, no dinheiro dos que mandam na possibilidade de haver propriedades (o estado e a banca por ele autorizada). Os bancos fizeram desaparecer a “riqueza” dos empresários e estes pararam.

Estávamos entre guerras, isto é, já existia a URSS em que os trabalhadores viam a realização do comunismo, isto é, a vida de todos tornada aquilo que se vivia nos bairros operários (todos iguais) mas sem patrões, donos, capitalistas. No ocidente essas ideias também eram muito fortes e havia quem quisesse realizá-las. Mas esse lado já havia perdido um valor estratégico importante: o internacionalismo. Os trabalhadores eram nacionalistas, cada um do seu país, divididos na luta de classes, como ainda hoje acontece, cada um a lutar contra o seu patrão, com a ajuda do seu estado. Ora, o estado nação existe para manter o sistema capitalista a funcionar – é ele que dá os impostos e credibiliza a banca. Claro que o estado também pode ajudar os trabalhadores, para que eles não fugam para a América, terra das oportunidades. Foi isso que fez Bismarck, na Alemanha, quando criou o primeiro modelo de estado social (apoio estatal e empresarial à vida quotidiana dos trabalhadores, para os fixar).

Voltando aos EUA desenvolveu-se a política do New Deal, com a centralidade da General Motors, a indústria automóvel substituiu os comboios por estradas com postos de abastecimento para que os carros pudessem circular. Para haver dinheiro para comprar carros, os salários tinham que aumentar. Para que os carros passassem a ser de primeira necessidade, foi preciso colocar os trabalhadores a viver longe dos locais de trabalho. Criaram-se as metrópoles: esvaziaram-se as cidades e construíram-se subúrbios de campo com casas entre as árvores a alguns quilómetros das cidades. Criou-se os electrodomésticos. E criou-se, também, os serviços sociais para acompanhar a recuperação económica, tornar os trabalhadores desempregados e com fome em trabalhadores integrados e consumidores destas coisas que passaram a fazer parte do estilo de vida americano.

Do ponto de vista financeiro usaram-se as ideias do Keynes, economista inglês, que descobriu que o motor da economia, temporariamente, poderia ser não as fábricas mas o dinheiro distribuído para criar procura para que os investidores tivessem incentivos, mercados disponíveis, para criar fábricas ou serviços que as pessoas pudessem e quisessem comprar.

Perante a incapacidade do modelo capitalista falido em 29 se levantar, o presidente dos EUA, alinhado com um conjunto de empresários nacionais, desenharam o New Deal. Estes últimos dispuseram-se a pagar 90% de impostos sobre os lucros para viabilizar a reconstrução do capitalismo. E conseguiram.

Portanto, a formação e a profissionalização das ciências sociais, apoio dos trabalhadores sociais, ficaram devidas, até hoje, dos empregos criados na altura, ao serviço da reinvenção do capitalismo. Conciliado com as necessidades de sobrevivência das populações, transformadas em trabalhadores e restos de humanidade a serem tratados pelos serviços sociais para que perspectivem nas suas vidas a hipótese de se tornarem trabalhadores.

Este esquema político foi importado pelos países da Europa ocidental destruídos pela guerra, através do Plano Marshall: vender na Europa contra a URSS o modelo de vida norte-americano, para manter a actividade económica nos EUA a crescer e para combater as ideologias comunistas, muito populares na Europa do pós-guerra.

Foi importada também as ciências sociais e as profissões associadas.

Outras questão é o crescimento económico. Certo: o capitalismo e a teoria económica funda-se na ideia avariada de crescimento infinito. Mas só nos anos 70 do século passado a questão se foi posta como um risco ecológico. Antes disso tudo era ideologia e social. Por exemplo, o Mário Soares ganhou as eleições a seguir à revolução de Abril dizendo que era contra o miserabilismo (leia-se a vida nos bairros operários generalizada) e que esperava poder levar Portugal para a Europa (leia-se: adoptar o estilo de vida norte-americano que o Salazar odiava).

Depois da 2ª grande guerra entramos na Guerra Fria, nas lutas entre a esquerda e a direita, protagonizadas na Europa ocidental democrática pelos partidos socialistas (cor de rosa) e os democratas-cristão (branco desmaiado), imitavam de forma civilizada, através de discussões nos parlamentos, a corrida aos armamentos e a perspectiva de

mísseis nucleares passarem pelos nossos céus agredindo mutuamente os impérios dominantes (MAD – mutual assured destruction).

Nessa altura vivia-se a corrida do desenvolvimento entre os impérios – a ver quem se industrializava mais depressa – incluindo os países em desenvolvimento (como Portugal, em que a oposição acusava Salazar de manter muitos portugueses na pobreza por não querer industrializar mais rapidamente o país).

Isto é, é preciso compreender-se o capitalismo e o estado social, como cada um de nós, como uma evolução em função das circunstâncias de cada momento. Economia não é exactamente a política e os EUA não são a Europa e Portugal também não é Europa, etc. Em cada momento, com as pessoas, instituições e dilemas em causa as coisas correm para um lado ou para outro. Não há modelos de mérito, pelo simples facto de uns ganham e têm possibilidade de realização, nos termos das pessoas dominantes na ocasião, e outros perdem e nunca são utilizados. Podes é perguntar de que ponto de vista eu me coloco para descrever as coisas assim, para as simplificar assim. O meu ponto de vista é de que as pessoas vivem melhor se se considerarem iguais entre si, em vez de umas serem superiores às outras. O império – a imaginação do modo único de organização que legitima a existência de elites – é muito eficaz mas é, ao mesmo tempo, um factor de infelicidade permanente. Este é o meu ponto de vista. A questão ecológica levanta outro problema: o império, ao condicionar de forma ideológica o conhecimento, torna a sociedade estúpida o suficiente para se tornar suicidária. Na verdade, as ideologias burguesas foram muito eficazes em reclamar sacrifícios dos trabalhadores, em troca de os apresentarem como livres (não escravos) e iguais entre si (porque votam).

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores

Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)

[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

[Trilogia de estados de espírito](#) & [Escola para lá das ciências sociais](#)

---

**De:** joaquim dores <joaquim\_carlos\_d@hotmail.com>

**Enviada:** 19 de outubro de 2018 19:10

**Para:** António Pedro Dores <antonio.dores@iscte-iul.pt>

**Assunto:** AW: o ressurgimento dos nacionalismos

Bom texto e bom discurso.

As questões para o Sanders são, naturalmente, pertinentes, tendo em conta que ele „aponta“ problemas que acabo por, aparte os adjectivos, não caracterizar ou determinar. Mas no teu texto acabas por declarar motivos que consideras os prováveis para o falhanço do sistema implementado após a 2a Guerra e que terminou por culminar no estado de coisas que hoje todos vivemos.

Se bem entendo, a ideia do estado social associada à teoria económico do crescimento são o problema. Primeiro, consideras que o problema é de aplicação ou ideológico? Eu ousaria responder a mim mesmo dizendo, que pelo teu texto consideras que o problema é à partida, antes de técnico e executivo, ideológico, no sentido em que assumir que o crescimento progressivo e eterno é impossível e deletério.

Sendo este o caso, porque foi inicialmente utilizado? Considerámos efectivamente que este modelo tinha mérito e, nas circunstâncias em que foi aplicado, era o mais correcto (mesmo não contemplado o facto que deveria ser introduzido com um limite temporal, pelas desvantagens a longo prazo que já seriam de prever)

Ou já de origem é um aproveitamento da parte do sobre o todo?

Não levanto esta questão no intuito de levantar uma discussão paralela, mas porque me parece também importante perceber desde quando e de que „alas“ vem o problema, pois a tentativa de solução terá necessariamente que ter as intenções das várias partes em conta.

Gesendet von [Mail](#) für Windows 10

---

**Von:** António Pedro Dores <[antonio.dores@iscte-iul.pt](mailto:antonio.dores@iscte-iul.pt)>

**Gesendet:** Thursday, October 18, 2018 11:51:35 AM

**Betreff:** o ressurgimento dos nacionalismos

<https://sociologia.hypotheses.org/1160>

Com os melhores cumprimentos

António Pedro Dores

Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Sociologia e do

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL)

[Observatório Europeu das Prisões](#) & [WorldSSHNet](#), TM +351 933 615 537

Trilogia de estados de espírito & Escola para lá das ciências sociais